

A moda européia e o uniforme escolar no Brasil

Claudia Schemes (Doutora em História, professora dos cursos de História e Design de Moda e Tecnologia, Centro Universitário Feevale)

Ida Helena Thön (Especialista em Artes Visuais, professora dos cursos de Design e Design de Moda e Tecnologia do Centro Universitário Feevale)

Resumo: Este artigo analisa o uniforme escolar no Brasil e suas relações com a moda nacional e internacional. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e um estudo de caso com uma escola fundada no século XIX, no interior do Rio Grande do Sul, a Fundação Evangélica, para observarmos de que forma a moda européia influenciou na vestimenta de seus alunos.

Palavras chave: Uniforme escolar; Moda; Fundação Evangélica

Abstract: This article examines the school uniform in Brazil and its relations with national and international fashion. We performed a literature search and a case study with a school founded in the nineteenth century, in Rio Grande do Sul, the Evangelical Foundation, to see how the European fashion influenced the clothing of their students.

Key words: School uniform, fashion, Evangelical Foundation.

Introdução

Este artigo tem como objetivo principal levantar algumas questões referentes à história do uniforme no Brasil, visto que essa área é muito pouco explorada pelos historiadores da moda e a bibliografia sobre isso é escassa, bem como as discussões a seu respeito. Optamos por realizar uma revisão bibliográfica sobre a história da moda, da educação e, principalmente, do uniforme no Brasil. Entretanto, achamos conveniente realizarmos um estudo de caso com uma das escolas mais antigas do Rio Grande do Sul, a Fundação Evangélica de Novo Hamburgo, fundada no século XIX.

Este estudo de caso foi importante para nos ajudar a responder nosso problema de pesquisa que era: De que forma a moda européia pode ser assimilada em uma cidade do interior do Brasil, em tempos de comunicação deficitária, e incorporada no dia-a-dia através dos uniformes escolares?

Para conseguirmos responder a essa questão, faremos um breve histórico do uniforme escolar no Brasil e na escola em questão relacionando-o com a história da educação e a moda internacional.

O uniforme escolar no Brasil e na Fundação Evangélica

O uniforme foi instituído pela primeira vez no Rio de Janeiro, capital do Império, no Colégio Pedro II, em 1850, e mais parecia um fardamento militar. A partir desse período, algumas escolas passaram a utilizá-lo como forma de padronizar a roupa dos alunos e identificá-los com as instituições de ensino aos quais estavam vinculados.

A utilização do uniforme no Brasil iniciou com o objetivo de identificar alunos de acordo com a sua escola e garantir a segurança e a disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados da mesma forma. Para Silva, “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade” (2006, p.106).

Neste mesmo período, os imigrantes alemães que colonizaram o sul do Brasil, encontraram uma realidade adversa quanto à liberdade religiosa, uma vez que, ao aqui chegarem, eram discriminados e considerados “cidadãos de segunda classe”. (KANNENBERG,1987, p.25) Para manter sua religiosidade, a resposta foi a criação de uma escola junto a cada núcleo colonizador, onde, escolhido entre seus pares, o mais letrado e mais capaz ficava responsável pela educação e pelos ensinamentos de interpretação dos textos bíblicos, legitimando assim sua crença.

No final do século, em 1885, em Novo Hamburgo, as irmãs Amalie e Lina Engel fundaram uma escola só para moças e, diferente de seus antecessores que não tinham uma formação mais aprimorada, elas eram formadas em pedagogia em sua terra natal, a Alemanha. Estava criada a *Evangelisches Stift (Töchterpensionat)*, ou Fundação Evangélica (Pensionato de filhas), que aí completavam sua educação, além de adquirirem todos os conhecimentos necessários para serem boas esposas.

Num primeiro momento, até 1915, eram as próprias alunas que confeccionavam suas roupas e uniformes nas aulas de costura, usando figurinos que demonstravam conhecimento das tendências da moda e principalmente, os trajes criados pelo estilista francês Paul Poiret, o grande inovador da indumentária feminina e responsável pelo fim do espartilho. O acesso às informações a respeito das modificações da silhueta e da moda feminina ocorria por meio da correspondência e das revistas recebidas da Europa pelas fundadoras.

Para Lonza, o gradativo aumento do número de escolas no Brasil trouxe a necessidade de caracterizar os alunos de cada instituição de ensino, através dos uniformes. Essa indumentária, própria de cada estabelecimento, deveria indicar, além do seu nome, “a tradição, o método e as características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas”. (LONZA, 2005, p. 21) O autor afirma que o uso do uniforme visava, principalmente, à segurança do estudante fora da escola, pois ela, a partir da matrícula, era responsável pelo aluno que, por sua vez, deveria honrar as cores, o nome, a tradição e o símbolo da escola em qualquer lugar em que se encontrasse. Esse mesmo princípio passou a ser adotado pela Fundação Evangélica na primeira década do século passado.

Dussel (2005), que analisa a questão dos uniformes na Argentina e nos Estados Unidos, afirma que os discursos presentes na emergência dos guarda-pós argentinos no início do século XX eram não só o igualitarismo, como também o higienismo e a produção de corpos sãos. Já, para os norte-americanos, o uso do uniforme estaria ligado ao disciplinamento das mulheres, negros, índios, classes populares, imigrantes e crianças.

Já Umberto Eco (1989) analisa o uniforme como meio de coesão de um grupo, ao nível das aparências, pois caracteriza uma categoria, profissão ou função dentro de um contexto pré-determinado.

A disciplina era outra das atribuições inerentes ao uso do uniforme, pois era “condição *sine que non* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumassem desde logo a obedecer às regras de convívio na sociedade”. (LONZA, 2005, p.22).

A partir da definição pelo uso do uniforme na Fundação Evangélica, em 1915, a fiscalização era feita pelas professoras, todos os dias, na entrada das aulas. Caso faltasse algum item, a aluna deveria, ou voltar para casa para trocar-se (o que era um problema muito sério) ou ir ao dormitório do internato para fazer o mesmo. Só era permitida sua entrada com a vestimenta completa ou, então, acompanhada pela mãe ou pelo pai para as devidas explicações.

Nos primeiros uniformes das alunas da Fundação Evangélica, percebia-se a nítida influência do *navy* disseminado pela estilista Coco Chanel, a grande inovadora da moda feminina. A saia azul pregueada, a blusa branca com gola de marinheiro, completados por meias e sapatos (borzeguins, como

eram chamados, ou então, os sapatos com pulseira no tornozelo) e as cores usadas também demonstravam o gosto da estilista, que as usava muito em suas criações. Mais uma vez, a moda européia se vê representada no sul do Brasil, graças a relação estreita da escola com a Europa, através de suas professoras e das famílias das alunas, que na sua maioria, eram de classe média alta.

O uniforme passou a ser símbolo da escola. Era usado em todos os dias, mas, principalmente, quando em saídas das alunas, para demonstrar o apreço e dizer onde estudavam, honrando assim a sua escola.

Nas aulas de costura na Fundação Evangélica, os figurinos para modelagem das roupas vinham da Europa. Na maioria das vezes, trazidos pelas professoras ou pelas mães das alunas que viajavam e os traziam para que as filhas estivessem sempre bem vestidas, pois estudar ali era sinônimo de status, demonstrava o nível social e o poder aquisitivo, diretamente ligado a forma de vestir-se.

Nos anos 1920, no restante do Brasil, grupos menos privilegiados passaram a frequentar escolas com o movimento da Escola Nova, que apoiava a universalização da escola pública, laica e gratuita, e a uniformização desses novos alunos passou a ser de muita relevância. Esse movimento foi muito importante na história da pedagogia, pois representou a tomada de consciência da defasagem entre a educação e as exigências do desenvolvimento (ARANHA, 2006).

Segundo Lonza (2005), a crise econômica de 1929 e o fim de uma época liberal, levaram o governo a publicar a brochura “Uniformes Escolares – Distrito Federal”, que descrevia como deveriam ser os uniformes das escolas públicas, mas ainda não os tornava obrigatórios, o que somente aconteceu na década seguinte.

A era Vargas (1930-1945) representou um avanço para a educação no país, já que o novo governo a priorizou como instrumento de reconstrução nacional, democratizando cada vez mais o ensino (PILETTI, 1997). Essa democratização significou uma homogeneização do vestuário escolar, ou seja, não era mais possível distinguir com facilidade a qual grupo social cada criança ou jovem pertencia, e o governo forneceria o uniforme para os alunos mais pobres (Silva, 2006). Para Lonza (2005), essa nova noção de igualdade e identidade fez com que os adultos e educadores percebessem os alunos de

uma forma diferente, não ligada à hierarquia sócio-cultural e obrigando-os a ver os indivíduos numa coletividade.

Do início do uso do uniforme até os anos 1930/40, a Fundação Evangélica tinha um código bastante rigoroso relacionado à vestimenta das alunas. O tecido usado nos uniformes deveria ser adquirido na própria escola, para não apresentar nenhum tipo de diferença de tonalidade, por exemplo. Ele também deveria ser comprado no momento em que os pais inscreviam suas filhas no educandário. Já na matrícula era entregue aos pais uma lista com todo enxoval e o número que deveria constar em todas as peças da aluna, que serviria como identificação.

Para o dia-a-dia o modelo era um “tubinho” de algodão grosso, listrado de cinza com branco, cuja gola era uma fita de algodão mais fina, toda branca. Sobre ele era usado um avental branco com peitoril, o que ajudava na limpeza do “saco”, como o tubinho era chamado pelas alunas. Estes aventais podiam ser feitos fora e aí é que as mães se esmeravam para demonstrar suas habilidades, pois podiam colocar vários diferenciais como gregas, rendas, passamanarias e crochês ao redor do mesmo. Para os dias frios, era permitido o uso de um blusão ou colete azul marinho, que também deveria ser adquirido no colégio.



Figura 1 – Uniforme diário (década de 50)
Fonte: Acervo pessoal

Para as saídas, desfiles de 07 de setembro, cultos ou outros eventos, era usado o uniforme de gala, que devia sempre estar impecável. Saia azul marinho pregueada (pregas do mesmo tamanho para todas) blusa branca de manga comprida ou curta, gravata azul marinho com bóton da instituição, meias brancas e sapatos “colegiais pretos”. O conservadorismo era uma maneira de mostrar sua solidez, como escola e como crença!



Figura 2 – Uniforme de gala em desfile de 7 de setembro
Fonte: Acervo pessoal

O período que compreende o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e o início do regime militar (1964) conheceu o restabelecimento dos princípios democráticos e a organização de muitas campanhas, que visavam à ampliação e à melhoria do atendimento escolar. Em 1961 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aconteceram vários movimentos de educação popular nesse período e o método de alfabetização de Paulo Freire alcançou repercussão nacional.

As escolas públicas viveram sua época mais pujante em relação à qualidade do ensino, e mesmo as famílias em condições de pagarem escolas particulares para seus filhos optavam pela escola pública. Observando fotografias de alunos uniformizados nesse período, não percebemos mudanças significativas nos modelos das roupas, entretanto, a diferenciação de material com que eram feitos os uniformes permitia reconhecer as condições econômicas do aluno.

Segundo Lonza (2005), o surgimento do *rock* na metade da década de 50 foi um momento excepcional na história do uniforme, pois ao invés das roupas escolares seguirem as tendências da moda, foram os uniformes que inspiraram a moda jovem, com as saias rodadas, sapatilhas, suéteres e camisetas que eram usadas por baixo da camisa. Esse período marcou, também, a imposição do jeans como peça de uso diário e escolar, o que causou muitas discussões, já que as lavagens diferenciadas que esse tecido permite não podiam uniformizar os alunos.

Silva (2006) informa que em São Paulo, no início dos anos 1950, os regimentos das escolas estaduais definiam os modelos que deveriam ser usados pelos alunos, sendo que os uniformes deveriam “ter em vista o clima, a economia e a distinção do traje escolar (p.84) e que o uniforme baseado no traje de marinheiro ainda era o mais comum entre as crianças.

A moda agora ditada pelo estilista francês Christian Dior apresentou saias godês, vestidos tomara-que-caia entre outros, mas o uniforme continuou o mesmo na Fundação Evangélica, sendo que os tradicionais 40 cm do chão, como norma para o comprimento das roupas, também segundo Dior, é agora muito rígido na escola, pois as minissaias já se fazem presentes e não são permitidas.

Em 1960 é implantado o Curso Normal de Segundo Ciclo na Fundação Evangélica (KANNENBERG,1987, p.161) e para que as alunas desse novo curso se diferenciasssem das outras, seu uniforme era distinto do utilizado pelas alunas do antigo Segundo Grau.

O novo uniforme consistia em uma saia, com quatro pregas macho e fêmea, sendo duas atrás e duas na frente, é feita de tecido moderno, o tergal (tecido que não amassa e é produzido com fios puros ou mistos de poliéster podendo ser também misturado com algodão), o que permitia uma saia sempre impecável. A blusa, tipo camisa, era de tecido “volta ao Mundo” (totalmente sintético), última novidade na Europa e assim chamado porque não amassava, mantendo-se sempre lisa. As meias eram de seda e os sapatos continuavam pretos, estilo colegial, o que significava sem nenhum salto! Completava a indumentária, para os dias frios, um pullover verde claro que apresentava no decote em V, na barra e nos punhos uma fina lista branca.



Figura 3: Uniforme do Curso Normal de Segundo Ciclo na Fundação Evangélica (década de 60)
Fonte: Acervo Pessoal

Moutinho e Valença (2000) chamam a atenção para o fato de que no centro do país a moda dos cabelos desfiados e os olhos pintados com delineador não eram bem vistos pelos professores, mas tolerados, pois as normalistas não abriam mão disso, demonstrando estarem de acordo com a beleza instituída do seu tempo, o que percebemos também na escola em questão.

A época conhecida como regime militar brasileiro (1964/1985) coincidiu, em nível mundial, com um período de profundas transformações da moda jovem, no qual a liberdade e a contestação eram a tônica principal. As escolas, entretanto, não acompanharam essas mudanças, pois o jeans e a camiseta, que tinham se popularizado, não poderiam ser utilizados na sua maioria, além disso, as jovens que “usavam os vestidos tubinho, linha saco e trapézio, tinham que usar a cintura marcada nos uniformes, uma coisa totalmente fora de moda [...]” (LONZA, 2005, p.171)

Porém, o que mais chamou a atenção em relação à distância moda/uniforme, foi o comprimento das saias, pois foi nesse mesmo período que a minissaia foi difundida e se popularizou com muita rapidez, mas as escolas não estavam preparadas para tamanha ousadia na indumentária numa época de autoritarismo. Entretanto, percebemos que o comprimento das mesmas foi gradativamente diminuindo.

Os anos 1960 e 1970, ao mesmo tempo em que no Brasil representaram um período de ditadura militar e falta de democracia, foram marcados pela explosão da juventude em todos os sentidos. Os jovens queriam ser livres, opunham-se à sociedade, clamavam por uma mudança de comportamento, através de movimentos como a contracultura e o pacifismo no final da década. Entretanto, em se tratando dos uniformes, Silva informa que a sua confecção “passou a ser minuciosamente controlada pelo estado no ano de 1968 [...] (2006, p.92).

Nesse contexto, a transformação da moda foi radical. Era o fim da moda única, que a partir daí passou a ter várias propostas, e quase todas ligadas ao comportamento (LEHNERT, 2000). As empresas começaram a investir nesse nicho e deram início à criação de produtos específicos para jovens, e a moda era não seguir a moda, o que representava liberdade, o grande desejo da juventude da época.

Segundo Lonza (2005, p.176), os anos 60 também marcaram a mudança mais radical que aconteceu com os uniformes, por causa do aparecimento de tecidos feitos com helanca, muito mais práticos que aqueles utilizados até então, pois possuíam “alta resistência, não precisavam ser passados a ferro, não se deformavam com o uso, secavam muito rápido e não encolhiam, além de oferecerem muito mais cores [...]”. Silva também afirma que a partir dos anos de 1960 “os uniformes começaram a apresentar um aspecto menos formal” (2006, p.90).

A moda nos anos 80, de certa forma, transmitia a alegria de um novo tipo de governo e apresentava roupas alegres, esportivas, versáteis, divertidas e ao mesmo tempo sofisticadas, sensuais e ousadas. Estampas de oncinha, cores cítricas, ombros largos, cortes de cabelo assimétricos e acessórios exagerados dividiam o espaço com discretos *tailleurs* e com roupas de moletom e *cotton-lycra*.

Novos tecidos surgiram no mercado, como o *stretch*, que dava um ar futurista às roupas, bem como insinuava experimentação, inovação e transformação, que eram palavras que ditavam a moda e o comportamento na época. O conceito de “tribos de moda” também surgiu nessa década, caracterizando inúmeros grupos com identidades próprias, como os *punks*, *darks*, etc. (BRAGA, 2004)

A partir dos anos 1970 e 1980, as escolas puderam variar muito mais seus uniformes, e oferecer modelagens mais ao gosto dos alunos, ou seja, mais confortáveis, coloridas e afinadas com a moda vigente, como os *trainings* dos anos 80, por exemplo, que eram agasalhos utilizados não só para a prática de esportes, mas para o dia-a-dia e que passaram a ser opção para as escolas também. Os tênis, nessa conjuntura, substituíram definitivamente os sapatos, e a apropriação da moda unissex também se fez sentir nas escolas a partir desse período.

Nesse mesmo período, a Fundação Evangélica, adaptou-se à moda e passou a permitir o uso do jeans como uniforme, diferenciando-se por um jaleco curto, amarelo, com o logo da Instituição. Antecipando a década do corpo saudável, o uniforme acrescentou abrigos e moletoms pretos, com detalhes amarelos e brancos e o logotipo da escola.

Dos anos 1990 em diante, percebemos que a indumentária escolar nada mais é do que variações de algumas peças utilizadas pelos jovens em seu cotidiano e, atualmente, observa-se que o uso dos uniformes fora da escola é natural, podendo-se encontrar, frequentemente, grupos de jovens nas ruas, shoppings, supermercados e em vários outros lugares, usando o uniforme de sua escola despreocupadamente, mostrando-nos que o uniforme não está mais tão distante daquilo que o jovem costuma vestir nas horas vagas. Os próprios materiais usados na confecção das peças são advindos da moda atual, como o moletom, *suplex*, viscoelastano, entre outros, que fazem o aluno sentir-se mais à vontade usando o uniforme. A própria modelagem é mais livre, deixando a cargo de cada instituição, a opção do que é permitido, ou não, usar.

Considerações finais

O uniforme, usado num primeiro momento para definir hierarquias dentro do exército e marcar o país que cada um defendia, passou a auxiliar o reconhecimento dos alunos de cada escola a partir do século XIX.

No caso específico deste artigo, numa das escolas mais antigas do Rio Grande do Sul, A Fundação Evangélica, além de permitir a igualdade no vestir, incentivava o cumprimento de regras e impunha a disciplina. Outro fator importante foi a transposição daquilo que estava na moda na Europa para o traje a ser usado no colégio, conforme pudemos comprovar por meio de pesquisa e de fotos.

A importação e a correspondência entre os professores da citada Instituição e seus parentes que ainda viviam na Alemanha e outros países europeus foi um dos fatores mais importantes para que a moda aqui chegasse e fosse assim difundida.

Percebemos que a circulação das idéias, mesmo num período de difícil comunicação, existia e era capaz de influenciar a moda numa pequena cidade do interior do Brasil.

Finalmente, considerando o uniforme escolar um texto, percebemos que alguns valores estiveram muito presentes nessas roupas há tempos atrás, tais como a obediência, a disciplina, a hierarquia e a vinculação a uma grupo social. Já nos dias de hoje o jovem busca muito mais a individualização, a rebeldia, a criatividade e a obediência às regras estéticas e da moda.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.

BRAGA, João. *História da moda: uma narrativa*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

DUSSEL, Inês. Cuando las apariencias no engañan: una historia comparada de los uniformes escolares em Argentina y Estados Unidos (siglos XIX-XX). *Pro-Posições*, Campinas, Unicamp, v.16, n.1 (46), p.65-86, jan/abr. 2005.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto ET alii. *Psicologia do vestir*. 3.ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1989.

KANNENBERG, Hilmar. *Fundação Evangélica – Um século a serviço da educação (1886 a 1986)*. São Leopoldo: Rotermond, 1987.

LEHNERT, Gertrud. *História da Moda do Século XX*. Colônia: Könemann, 2000.

LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

MOUTINHO, Maria Rita e VALENÇA, Máslova Teixeira (orgs) *A Moda no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000

PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997

SILVA, Katiene Nogueira da. *“Criança calçada, criança sadia!”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista*

(1950/1970). Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2006. Disponível em [HTTP://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/](http://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/)